

TARANTULA: TRANSPOSIÇÕES E SIMBOLOGIAS DAS VIOLENCIAS LGBTQ+ NO CINEMA DE ANIMAÇÃO

KALI BREDER¹; NÁTHELY SANTANA²; RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES³

¹ Universidade Federal de Pelotas – kalibreder@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – nthelys3@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – ricardohaa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A produção do curta-metragem *Tarantula*¹ é uma realização do curso de bacharelado em Cinema de Animação junto ao projeto unificado com ênfase em pesquisa *Histórias da arte e histórias da aids desde o Brasil: discursos sobre o corpo e a enfermidade na arte contemporânea*, coordenado pelo professor Ricardo Henrique Ayres Alves. Constituindo-se como uma ação de extensão, a proposta também articula o âmbito do ensino, pois faz parte de uma ação curricular integrada, chamada de horizontalidade², envolvendo as disciplinas do primeiro e segundo semestre do curso, visando o exercício prático da produção cinematográfica.

Essas produções são entendidas pelo Plano Pedagógico Curricular do curso de Cinema de Animação da UFPel como importantes elementos da formação dos estudantes pois, a cada semestre, existe um diálogo entre as disciplinas que tem por resultado a realização conjunta de um produto audiovisual, que também é um instrumento de avaliação dos referidos componentes curriculares. *Tarantula* foi uma destas produções, envolvendo a disciplina de Introdução ao Roteiro, do primeiro semestre, assim como Animação 2D, Desenho da Figura Humana e Imagem Digital 2 do segundo semestre.

A obra se baseia em uma operação homônima realizada pela Polícia Civil Estadual que ocorreu em 1987 na cidade de São Paulo.³ Em declaração à Folha de São Paulo, a instituição afirmou que tal ação buscava combater a epidemia de HIV/aids na cidade, tendo como objetivo a detenção de mulheres trans e travestis trabalhadoras sexuais em seus espaços históricos, as esquinas e encruzilhadas das grandes cidades (CAVALCANTI, 2018).

O roteiro e direção de Kali Breder, co-direção de Esther Costa, direção de animação de Ian Alves e Yasmin Sienra, direção de áudio de Jamie Grillo, montagem e finalização de Daniel Galuppo, design de personagem e *Storyboard* de Náthely Santana, cenário de Mariana Yu e animação de Thyr Wyse, Cecília Alvarenga e Júlio Härter apresenta essas narrativas centralizadas em uma travesti que vai para seu local de trabalho cotidiano. Uma viatura aparece e formas antropomórficas saem do carro, depois se revelando simbolicamente como predadores, maldizentes e fascistas. Como o suposto intuito da operação era o combate ao HIV/aids, muitas pessoas tinham medo do contato com o sangue das pessoas vivendo com o vírus. Sabendo disso, ela se automutila, como uma forma de defesa diante da violência que sofre, procurando repelir os policiais.

¹ <https://vimeo.com/85702726/63f405c6fc?share=copy> Acesso em: 30 ago. 2023

² <https://wp.ufpel.edu.br/cinema/horizontalidade-5020/> Acesso em: 30 ago. 2023.

³ <https://averdade.org.br/2021/03/operacao-tarantula-policia-violentou-cerca-de-300-travestis-em-sao-paulo/> Acesso em: 30 ago. 2023

2. METODOLOGIA

A elaboração artística foi seguindo o processo tradicional de produção audiovisual em animação, setorizando as etapas por membros da equipe encarregados. No interior de cada etapa, foram pensadas as referências teóricas, históricas e artísticas que se encaixavam na proposta da obra, pensando o cinema a partir de diferentes autores (ARQUES, 2007; CARRIÉRE, 1994; METZ, 1980).

A roteirização foi pensada para trazer tensão, desconforto e aflição aos espectadores, utilizando-se de elementos de tensão visual, auditiva e simbólica. A proposta desde seu início foi trazer o ponto de vista da travesti para o espectador, os sentimentos de medo, raiva e desespero misturados em alguns instantes decisivos, fazendo com que o gênero cinematográfico visado fosse o terror.

Os encontros de orientação trouxeram para o grupo diversas manifestações artísticas e teóricas, reportagens e referências audiovisuais sobre a epidemia de HIV/aids e sobre *transvivencias*. Buscar tais referências auxiliou a composição artística e simbólica da produção, permitindo a construção de uma narrativa que procurava transpor o clima da Operação Tarantula para o curta-metragem.

Os processos de *découpage*, *storyboard* e *animatic* foram estruturados a partir dos artifícios cinematográficos do terror para animação, com algumas referências práticas, explorando principalmente teorias sobre equilíbrio e tensão (OSTROWER, 1983). As reuniões semanais eram pautadas também pelo desejo de transpor aspectos das artes visuais estáticas para uma arte audiovisual em movimento. Assim, utilizamos planos em *plongée diagonal*, e outros rápidos e instáveis (BARCINSKI, 2015).

Na animação, foi utilizado o software *OpenToonz*, onde os diretores de animação determinavam os quadro-chave e os animadores realizavam os *in-between*. As cenas eram disponibilizadas no Drive do Google para cada animador conseguir acessar e disponibilizar seu progresso.

Para o cenário foi necessário uma pesquisa sobre as ruas da Grande São Paulo em que ocorreu a ação policial, que levou em conta a reflexão sobre suas similaridades para traçar um esboço e, posteriormente, reuni-lo com as referências artísticas e as escolhas de enquadramento.

O planejamento de coloração foi pensado a partir da ênfase no vermelho, uma simbologia ligada à violência e ao perigo. Alguns exemplos de sua utilização são o giroscópio da polícia, os olhos dos policiais e o sangue da vítima, elementos que contrastam com todos os outros, elaborados por sua vez em preto e branco.

No aspecto sonoro a estratégia para o desconforto foi trazer assobios suaves e ritmados e aos poucos aumentar a tensão com zunidos, ruídos, latidos, rosnadas, grunhidos e guinchos. Todos os elementos juntos constituem uma desordem sonora interrompida no final com um som cortante de lâmina que interrompe todas as outras sonoridades.

Na etapa de luz foram utilizados os tratamentos dos softwares *After Effects* e *Premiere* da *Adobe*, trazendo a sobreposição de elementos para a composição dos quadros e uma iluminação específica para cada sequência da narrativa. No momento em que os policiais saem da viatura, a luz vermelha do giroflex preenche todo o quadro, induzindo o desconforto a partir da intensidade de tal aspecto visual.

A montagem e a finalização foram pensadas a partir da intenção de valorizar e alongar os planos com o maior detalhamento, permitindo a melhor apreciação dos quadros e cenas mais delicadas.

Todo o processo foi acompanhado no intuito de se manter fiel ao roteiro e as narrativas não-ficcionais que o constituem. Por isso muitos ajustes foram feitos durante todo o processo, como mudanças para adequar melhor a narrativa às nossas habilidades e equipamentos disponíveis e elencados para a produção do trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O curta-metragem foi finalizado e avaliado em suas disciplinas e até o momento teve sua exibição apenas no circuito universitário da Universidade Federal de Pelotas. Essas exibições ocorreram na mostra dos cursos de Cinema que acontecem semestralmente no Cine UFPel⁴, sala de cinema da universidade, e na primeira edição do Congresso dos Projetos Unificados do Centro de Artes da UFPel, o UNIFICA⁵.

As exibições foram sempre em conjunto com outras obras dos cursos de Cinema ou até mesmo das outras graduações do Centro de Artes, o que permitiu o estabelecimento de relações com outras produções. Na mostra de cursos, Tarantula esteve presente em um bloco junto a outras animações de teor mais sério, trazendo discursos sobre diversidade, inclusão, saúde mental e feminismos. Já no UNIFICA, o fato de ser o único trabalho em animação exibido ressaltou sua singularidade.

Em alguns casos a recepção do público foi de surpresa diante de uma animação que trata de um tema como este, já que existe o imaginário de que a animação seria voltada apenas ao público infantil. Esse contato inesperado com um trabalho sobre a violência e a marginalização de um grupo social causa tal estranhamento. Além disso, nas conversas com o público foi comentado que a sinopse por si só gerava curiosidade e estranhamento sobre o curta-metragem por se tratar de uma animação. Diante desse retorno é possível afirmar que o trabalho causou impacto positivo nos espectadores, provocando as sensações pretendidas, contribuindo para a reflexão da violência da sociedade com a comunidade trans e travesti, chamando a atenção para as sobrevivências diárias destas mulheres marginalizadas.

4. CONCLUSÕES

Diferente da maioria dos curtas-metragem dos cursos de cinema da UFPel, *Tarantula* buscou ir além de sua previsão como resultado de uma atividade de ensino, inscrevendo-se no campo da pesquisa para compor as referências teóricas e artísticas da comunidade trans e soropositiva da América-Latina.

Quando questionados individualmente, os componentes do grupo avaliaram sua realização enquanto uma experiência artística positiva e progressiva já que se trata da primeira animação da grande maioria, com algumas partes que poderiam ser melhoradas, mas que o resultado foi compensatório e satisfatório. Nesse

⁴ <https://wp.ufpel.edu.br/cinema/cineufpel/> Acesso em: 30 ago. 2023.

⁵ <https://wp.ufpel.edu.br/ca/unifica/> Acesso em: 30 ago. 2023.

sentido, é possível afirmar que o grupo de produção entendeu Tarantula enquanto um grande aprendizado no âmbito do processo cinematográfico e também como resgate histórico de um episódio histórico importante para as dissidências ao sistema de sexo/gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARQUES, A. **Ideias em Movimento**. Produzindo e realizando filmes no Brasil. Rio de Janeiro:Rocco, 2007.

BARCINSKI, P. **A dialética narrativa do cinema de montage e de découpage** - das vanguardas do cinema mudo ao filme de suspense e terror contemporâneos. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27161/tde-15052017-155429/pt-br.php>. Acesso em: 30 ago. 2023.

CAVALCANTI, C., BARBOSA, R. B., BICALHO, P. P. G. Os Tentáculos da Tarântula: Abjeção e necropolítica em operações policiais a travestis no Brasil pós-redemocratização. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 38 (n.spe.2), 175-191, 2018. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000212043>.

CARRIÉRE, J. C. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

METZ, C.. **Linguagem e cinema**. São Paulo, Perspectiva 1980.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977. 187 p.